

Cronologia Internacional

1918

António José Telo

SITUAÇÃO GERAL EM FINS DE 1917

O ano de 1917 termina com uma aparente vantagem dos Poderes Centrais, principalmente no Leste. A revolução Russa e a ocupação da Roménia afastaram os inimigos da Alemanha no Leste e a ocupação dos novos territórios dá cereais, alimentos e petróleo à Alemanha. É uma vantagem imensa, embora a instabilidade da situação, as primeiras sublevações na Áustria-Hungria e a falta de uma paz formal obriguem a manter no Leste mais de 1,5 milhões de militares, só libertando cerca de 1 milhão.

Os Poderes Centrais sentem fortemente os efeitos de um bloqueio naval que dura há quatro anos. Há um descontentamento crescente em importantes sectores da sociedade; há fome numa escala importante; há uma falta geral de produtos essenciais e um crescente racionamento. Os Aliados enfrentam problemas semelhantes, mas numa escala reduzida, apesar das grandes dificuldades provocadas pelo sucesso da campanha submarina até meados de 1917.

Em ambos os campos há um “cansaço” pela continuação de uma guerra sem fim à vista com os recursos humanos explorados até ao limite, sendo muito difícil substituir as baixas sofridas. A situação política degrada-se em toda a parte, com vagas de assaltos a lojas e armazéns, greves muitas vezes violentas, protestos e mesmo sublevações localizadas, como as que ocorreram em cidades da Alemanha, da Itália ou da Europa Oriental. O cansaço dos gigantescos exércitos é igualmente evidente, com amotinacões em larga escala na França, na Áustria-Hungria e mesmo na Itália, muito desmoralizada com a crise de Caporetto. Teme-se o efeito da revolução russa e a sua propaganda de “guerra à guerra”, muito em particular na Europa do Leste que lhe é vizinha.

Ambos os lados temem os efeitos do prolongamento da guerra e sabem que o pior cenário não é a vitória do inimigo, mas sim a exportação da revolução, que pode resultar da degradação geral da situação. Isto é particularmente evidente do lado dos Poderes Centrais, mais próximos da Rússia, com mais dificuldades económicas, com sociedades multinacionais frágeis. A Alemanha, em particular teme a degradação da situação nos seus aliados do Sul.

Em termos gerais, os Aliados crescem regularmente, com novos países beligerantes. A entrada dos EUA na guerra trouxe a beligerância do Brasil e uma série de países da América vão dar esse passo em 1918. A África quase inteira (com a exceção da força Alemã na África Oriental) apoia os Aliados, tal como acontece com a Ásia em peso – com a exceção do Médio Oriente Turco, muito reduzido em fins de 1917. É uma consequência do domínio dos mares, que faz com que a economia do mundo inteiro apoie o esforço de guerra Aliado e lhe dá uma imensa vantagem a longo prazo.

ESTRATÉGIAS EM CONFRONTO

A estratégia Alemã para 1918 é acordada em fins de 1917. A prioridade é vencer a guerra em França, transferindo para tal cerca de 1 milhão de efetivos do Leste, reforçadas com quase todas as forças Alemãs mantidas nos Balcãs e na Itália. O reforço da Frente Ocidental ocorre entre Janeiro e Março de 1918, de modo a lançar uma série de grandes ofensivas encadeadas umas nas outras a partir da Primavera. A paz formal com a Rússia bolchevista na Primavera de 1918 permite ainda transferir mais unidades. O objetivo central é aniquilar o Exército Britânico em França, considerado o inimigo principal.

Para os Aliados o ano de 1917 termina com uma vitória tática na França (Cambrai) e com uma imensa vantagem no Médio Oriente, onde ocupam Jerusalém e promovem a revolta Árabe. A sua esperança está no crescimento do Exército Americano em França, que está a chegar desde o Verão de 1917, mas ainda não conta com qualquer divisão operacional em começos de 1918. Espera-se que as primeiras divisões americanas entrem em linha no Verão de 1918 e que, no final desse ano, representem já 1 milhão de homens, podendo chegar a 2 milhões em 1919.

Estas considerações ditam a estratégia Aliada para 1918: manter a defensiva na Frente Ocidental (de longe a que tem mais efetivos) e aguentar o esperado embate alemão; manter ofensivas limitadas e com pequenos meios a partir do Médio Oriente e da Grécia (Salónica), principalmente para explorar a fraqueza do inimigo a Sul e impedir uma concentração total da força deste na França. Na Itália, trata-se de recuperar o Exército Italiano do grande desastre de Caporetto, com a perspectiva de lançar ofensivas limitadas assim que possível.

No Mar as coisas correm bem aos Aliados. A ameaça submarina está contida e poucos estragos provoca desde que se generalizou o sistema dos comboios e as esquadras de superfície inimigas só dominam o Báltico e o Mar Negro, estando afastadas de todos os outros Oceanos.

Há um sentimento generalizado que a guerra tem de terminar com uma paz diferente, que esta deve ser a “guerra para acabar com todas as guerras” – o Papa, por exemplo, diz isso mesmo num documento que divulga em 1917. Na esquerda radical (bolchevistas, anarquistas, sociais-democratas radicais, sindicalistas revolucionários) este sentimento dá lugar a um outro: a guerra deve ser aproveitada para desencadear a revolução, a exemplo do que aconteceu na Rússia. Finalmente, é notório um desenvolvimento dos nacionalismos em todas as colónias e nos Impérios multinacionais, falando-se abertamente em independência e/ou em ampla autonomia.

JANEIRO

Janeiro – **Frente Ocidental** – Com a transferência de divisões do Leste e Sul a Alemanha obtém, pela primeira vez na guerra, a vantagem numérica na Frente Ocidental. Em Janeiro conta com 172 divisões (contra as 167 Aliadas), que crescem até 204 em Junho de 1918 (dimensão máxima). Os Aliados respondem com um reforço paralelo da Frente Ocidental, mas com um ritmo diferente: passam das 167 divisões de Janeiro, para 180 em Junho e 211 em Novembro de 1918. Em resumo, até Julho de 1918 a vantagem numérica na Frente Ocidental pertence à Alemanha; depois passa para os Aliados e vai crescer com a passagem dos meses.

Janeiro a Novembro de 1918 – **África** – A resistência Alemã em África continua, graças à pequena força de Lettow Voerbeck, o comandante militar da África Oriental Alemã, que conta com cerca de 300 alemães e menos de 5 mil Africanos (Askaris). Desde fins de 1917 abandona o território Alemão e entra Moçambique. Os alemães não têm base de operações ou linhas logísticas; não querem defender qualquer território e não querem conquistar nenhum objetivo; são uma “força fantasma”, altamente móvel, que surpreende pelo movimento permanente e imprevisível; contrariam todos os manuais e todas as regras e combatem sempre, perseguidos por forças muito superiores.

A força Alemã desce até perto de Quelimane, para depois infletir para Norte e regressar à África Oriental Alemã. Os Alemães só se rendem depois de a guerra ter terminado na Europa, numa altura em que já estão na Rodésia do Norte. Foi uma campanha de guerrilhas única, em que a pequena força Alemã de menos de 6 mil homens é perseguida por mais de 120 mil Aliados (Portugueses, Britânicos, Indianos, Quenianos, Belgas, Sul-Africanos, Rodesianos e outros), que nunca os conseguem cercar ou submeter. O objetivo do general Alemão era reter o máximo de Forças Aliadas em África, na certeza que as que estivessem aí não seriam enviadas para a guerra na Europa e foi amplamente alcançado. Lettow Voerbeck é um dos mais inovadores generais da guerra e a sua campanha serviu de inspiração para o desenvolvimento da guerra de guerrilhas no século XX. O grande problema do general Alemão é que, ao contrário do que acontecia com Lawrence da Arábia, foi incapaz de elaborar uma teoria sobre a sua campanha depois da guerra, pelo que esta ainda é considerada por muitos como uma “curiosidade”, sem entenderam que se trata de uma completa subversão dos princípios clássicos da arte militar, do nascimento de uma das mais difundidas formas de guerra do Século XX.

8 de Janeiro – **EUA** - O Presidente Wilson apresenta ao Congresso dos EUA os “14 Pontos” para a Paz. Já várias figuras internacionais tinham apresentado as “suas” condições para uma paz duradoura, como foi o caso do Papa, em 1917, ou do 1º Ministro Lloyd George, a 5 de Janeiro de 1918. Os “14 Pontos” de Wilson são um caso especial, porque se trata de novos valores para a ordem internacional, que no essencial serão aplicados.

O documento representa a certidão de nascimento dos EUA como grande poder global e é um ataque disfarçado à ordem internacional dos poderes europeus (todos eles e não só a Alemanha). Começa por afirmar os princípios da democracia e do livre comércio internacional, que passa pela liberdade de navegação nos Oceanos. Aponta em seguida para uma identidade entre a nação e o estado, o que abre à porta ao desfazer dos Impérios multinacionais, com a criação de dezenas de novos estados. Ataca veladamente o colonialismo, apontando para um seu fim a longo prazo, através de uma solução de consenso. Acaba por propor a criação de uma “Liga das Nações”, que seria a garantia da paz e nova ordem no futuro.

Os “14 Pontos” foram uma referência para todas as revoluções nacionalistas posteriores, a começar de imediato pelo Egipto, Turquia, China, Índia e pelos muitos nacionalismos europeus integrados em grandes impérios. São um dos mais influentes documentos da História.

22 de Janeiro – **Leste** - A Alemanha promove a criação de um Ucrânia independente e republicana (a Ucrânia declara a independência unilateralmente a 20 de Novembro de 1917), o que a obriga a manter uma força importante no Leste. A independência da Ucrânia é reconhecida pelos Poderes Centrais a 1 de Fevereiro de 1918. A guerra civil russa (que começou em Dezembro de 1917) aprofunda-se, com os generais Kornilov e Kaledin a comandarem as forças do Sul, que se opõem aos “vermelhos”.

A Ucrânia torna-se o principal fornecedor de cereais e produtos agrícolas para a Alemanha nos meses finais da guerra. A população alemã, que passava fome devido ao bloqueio Aliado, está melhor alimentada em 1918 do que em 1916-1917.

25 de Janeiro – **Rússia** - A Rússia declara-se uma República de Sovietes.

28 de Janeiro – **Alemanha** – É notório o crescente descontentamento da população Alemã com o prolongamento da guerra, apesar das grandes vitórias a Leste. Neste dia dezenas de fábricas em Berlim e nas principais cidades, entre as quais fábricas de armamento, entram em greve ilegal, acompanhada de tumultos. Janeiro é igualmente marcado por dezenas de greves violentas na Áustria-Hungria. Tumulatos e greves violentas prolongam-se por todo o Inverno, só diminuindo na Primavera. O bloqueio Aliado e o frio de um Inverno particularmente rigoroso criam uma grave crise nos Poderes Centrais.

28 de Janeiro – **Finlândia** – Começa a guerra civil na Finlândia, que tinha proclamado a sua independência da Rússia. Numa primeira fase os “vermelhos” (ligados aos bolchevistas russos) ocupam Helsínquia e todo o Sul da Finlândia.

FEVEREIRO

6 de Fevereiro – **GB** – A GB faz história ao dar às mulheres acima dos 30 anos o direito de voto. É o resultado de um movimento que se fazia sentir desde finais do século XIX, mas traduz sobretudo a situação criada pela guerra, com as mulheres a tomarem conta de muitos empregos que antes eram somente dos homens.

6 de Fevereiro – **Roménia** – A Roménia (que assinou um armistício com os Poderes Centrais a 6 de Dezembro de 1917) começa negociações para uma paz formal, depois de se ter formado um governo pró-Alemão em Bucareste. O tratado provisório de paz é assinado a 5 de Março e o definitivo em Maio. A Roménia sai formalmente da guerra, libertando um dos Exércitos Alemães, que será transferido para França.

10 de Fevereiro – **Rússia** – Leon Trotsky abandona as negociações de paz com a Alemanha, declarando unilateralmente o “fim das hostilidades”. A Alemanha aproveita e, sem encontrar praticamente oposição, avança centenas de quilómetros no Leste nas próximas semanas, chegando as portas de S. Petesburgo e ocupando grande parte da Ucrânia, apesar de esta ser formalmente independente. Kiev é ocupado pelos Alemães a 1 de Março, numa altura em que a Rússia bolchevista já regressou à mesa das negociações (a 28 de Fevereiro).

16 de Fevereiro – **Leste** – Depois da Ucrânia e da Finlândia, é a Lituânia que declara a sua independência, no que seria imitada pouco depois pelos outros estados Bálticos (Estónia e Letónia, até começos de Abril). Ao contrário da Ucrânia, as repúblicas Bálticas e a Finlândia conseguiram manter-se independentes no pós-guerra e não seriam engolidas pela Rússia Bolchevista (pelo menos até 1939, quando Estaline aproveitou o acordo com a Alemanha para absorver os Estados Bálticos).

MARÇO

3 de Março – **Leste** – A Rússia assina o Tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha, o que põe formalmente fim à guerra. A Rússia Bolchevista é obrigada a regressar à mesa das negociações pelo imenso avanço Alemão nas últimas semanas e assina o acordo de 3 de Março, que consagra a perda de toda a zona mais Ocidental do antigo Império dos Czares. A Alemanha transfere mais divisões para o Ocidente, embora ainda precise de manter uma força importante no Leste.

A guerra, porém, não termina a Leste. A Rússia Bolchevista está mergulhada numa feroz guerra civil, atacada pelo Sul, pela Sibéria e pelo Norte por forças de “Russos Brancos”, bem como por anarquistas e outros grupos de esquerda que os bolchevistas procuravam eliminar. Tudo se agrava porque os estados recentemente independentes querem obter vantagens no terreno. É uma guerra sem quartel e sem que ninguém respeite as fronteiras formais, tudo dependendo da fluída situação militar.

MARÇO A MAIO – **Leste** – A Alemanha completa a ocupação da Ucrânia, que tinha declarado a independência. As tropas Alemãs ocupam Kiev em começo de Março, Rostov, a 8 de Abril, e a Crimeia, em começos de Maio. É a maior expansão Alemã no Leste até então, embora só dure até Novembro de 1918.

Os Alemães ajudam os “brancos” na guerra civil da Finlândia, tendo sido as suas tropas que expulsam os “vermelhos” de Helsinquia em Abril e dão a vitória aos “brancos” em Maio. Com Petrogrado ameaçada, o Governo Bolchevista transfere a capital para Moscovo, onde se manterá.

21 de Março – **França** – Ofensivas da Primavera (Kaiserschlacht ou ofensiva do Kaiser). A Alemanha joga tudo por tudo para ganhar a guerra: um conjunto de grandes ofensivas na Frente Ocidental, reforçada com cerca de 1 milhão de homens desviados do Leste e do Sul. Entre Março e Julho a Alemanha tem uma superioridade numérica na Frente Ocidental pela primeira vez na guerra. Entre 21 de Março e 6 de Agosto são lançadas 5 grandes ofensivas Alemãs encadeadas, de modo a manter uma pressão constante (uma inovadora arte operacional).

A primeira é a ofensiva alemã no Somme (Operação Michael), que incide no 3º e 5º Exércitos Britânicos, a Sul do sector Português, com 29 divisões no conjunto. A ofensiva é lançada por 2 Grupos de Exércitos alemães, com 39 divisões, reforçadas posteriormente.

As tropas de assalto fazem maravilhas, provocando quase sempre o colapso da resistência Aliada onde incide o seu esforço, o que permite um avanço de vários quilómetros nos primeiros dias, algo nunca antes visto na Frente Ocidental. Também as

táticas de artilharia são muito diferentes do passado, com barragens curtas e muito intensas que duram poucas horas e incidem em profundidade, após o que o fogo da artilharia passa a rolante, para acompanhar o progresso da infantaria. A 21 de Março a barragem de artilharia dura 5 horas, mas envolve 6200 peças em 70 km de frente. A infantaria ataca a partir das 9h00, a coberto de um espesso nevoeiro. O 5º Exército, com uma pequena densidade na defesa e concentrado nas primeiras linhas, cede terreno e muitas divisões desaparecem; o 3º Exército resiste melhor, mas recua igualmente.

24 de Março – **França** – O 5º Exército Britânico praticamente desfaz-se no Somme perante a pressão alemã e cede mais de 20 km. Haig teme o pior e pede uma conferência Aliada de alto nível para tomar medidas extraordinárias.

25 de Março – **França** - Ludendorff está deslumbrado pelo sucesso imenso do ataque no Somme, pelo que decide prosseguir o esforço, desviando forças da reserva central que deviam ser empenhadas na ofensiva seguinte – um erro imenso, pois no Somme não há qualquer objetivo estratégico. A segunda fase do ataque alemão é um avanço por três eixos diferentes, sem uma concentração de forças, outro erro colossal. O 17º Exército avança para NO, pressionando o 3º Exército Britânico; o 18º Exército continua para SO, onde enfrenta sobretudo forças Francesas; o 2º Exército ataca no centro em direção de Amiens, o único objetivo importante (mas não estratégico). A França encaminha à pressa 2 novos exércitos para Amiens, ameaçada a partir de 29 de Março. A 31 de Março o ataque alemão é detido a 20 km de Amiens, embora o esforço seja continuado até 5 de Abril.

26 de Março – **França** – A conferência pedida pelo Marechal Haig reúne-se em Doullens, com as altas chefias políticas e militares. É decidido entregar a coordenação das operações militares em França ao General Foch, com a missão principal de criar uma reserva central e deter o avanço Alemão, colmatando a brecha deixada pelo colapso do 5º Exército Britânico. Mais tarde, Foch será nomeado Comandante Supremo dos Exércitos Aliados em França, embora com poderes limitados. Por incrível que possa parecer os Aliados, depois de quatro anos de uma guerra intensa, ainda não tinham um comando militar unificado em França.

Março – **Blindados Alemães** - A Alemanha empenha em combate pela primeira vez o seu único carro de combate: o A7V. Era superior aos modelos Aliados em muitos aspetos (exceto na mobilidade), mas só foram construídos 20 exemplares.

ABRIL

1 de Abril – **Guerra Aérea** – É oficialmente criada a RAF, a primeira Força Aérea a nível mundial, pela fusão do Royal Flying Corps e do Royal Naval Air Service. Nalguns casos, como o do bombardeamento estratégico, a fusão concretiza-se como previsto. A Royal Navy, porém, mantém o controlo dos aviões embarcados, que são em número crescente numa altura em que nascem os primeiros porta aviões que merecem esse nome, com um deck de voo completo, o que permite que os aparelhos levantem voo e aterrem com poucos acidentes.

4 de Abril – **França** – A Alemanha tinha empenhado na ofensiva do Somme mais forças que as previstas inicialmente, pois o sucesso inicial fez com que acreditasse que seria possível conquistar a cidade de Amiens. Neste dia é lançado o ataque final a Amiens, distante menos de 20 km, que falha. A 5 de Abril, Ludendorff declara oficialmente terminada a Operação Michael. A Alemanha avançou mais de 50 km, provocou 250 mil baixas nos Aliados e fez 90 mil prisioneiros, mas sofreu perto de 200 mil baixas.

5 de Abril – **França** - O Comando Alemão confirma que a próxima ofensiva será no Lys, marcada para dia 8, mas os exércitos designados esclarecem de imediato que só conseguem lançar o ataque a 9. A artilharia pesada e a aviação são desviadas à pressa, só tendo de percorrer umas dezenas de quilómetros entre o Somme e o Lys.

5 de Abril – **Pacífico** – Britânicos e Japoneses desembarcam em Vladivostock e começam uma intervenção a favor dos “brancos” na guerra civil na Rússia. Os EUA desembarcam forças suas pouco depois.

8 de Abril – **França** – A 2ª grande ofensiva da Primavera devia ser a Operação George no Lys, com o centro do ataque no débil sector Português. Como a Alemanha empenhou mais reservas do que pensava no Somme, só pode lançar no Lys metade das 40 divisões inicialmente pensadas. Por esse motivo, a operação muda de nome e passa a ser Georgette.

O comando britânico apercebe-se dos preparativos Alemães e, a 8 de Abril, tem quase a certeza que será atacado nessa madrugada no Lys. Como não tem reservas para substituir a divisão portuguesa a 8, resolve não avisar do ataque, dizendo aos Portugueses que vão ser substituídos no dia 9, mas devem “morrer na Linha B” caso se dê um ataque em força antes. Entre 7 e 9 de Abril um total de 15 brigadas britânicas (tudo que Haigh consegue reunir) convergem para a zona do Lys e criam uma bolsa defensiva por detrás dos Portugueses. Nenhuma unidade Britânica reforça a defesa Portuguesa na frente; as brigadas frescas reforçam a defesa da “Linha dos Rios” que está 4 a 6 km por detrás das defesas avançadas Portuguesas. Haigh pede a Foch o desvio de uma parte das reservas Francesas para o Lys, mas este recusa de momento, pois teme que o ataque Alemão possa incidir no sector Francês.

9 de Abril – **França** – O 6ª Exército Alemão ataca no Lys, com o centro na debilitada 2ª Divisão Portuguesa (Gomes da Costa), mas incidindo igualmente sobre as duas divisões britânicas nos flancos. A superioridade numérica Alemã é esmagadora e o ataque é encabeçado pelas Tropas de Assalto, que criam corredores de infiltração na junção entre Portugueses e Britânicos. Entre as 4h00 e as 13h00 a resistência Portuguesa desfaz-se e Gomes da Costa informa ao começo da tarde o Comando Britânico que a sua divisão “já não existe”. Os Britânicos resistem na “Linha dos Rios” por detrás do sector Português, mas esta cede igualmente entre 9 e 10 de Abril.

10 de Abril – **Lys, França** - O Exército Alemão de von Armim ataca a Norte do ex-sector Português, enquanto o 6º Exército pressiona a linha dos rios. Os Britânicos recuam e cedem, com a ocupação de Messines e Armentières pelos Alemães. O próprio Kaiser visita Armentières, esperando uma grande vitória dentro em breve. Haig desvia todas

as suas reservas para o Lys, declara que a Frente Ocidental corre um grave perigo e pede a Foch o envio urgente de divisões Francesas.

10 de Abril – **Balcãs** – Reúne-se em Roma um “Congresso das Nacionalidades Oprimidas pela Áustria”, com o apoio dos Aliados. Os representantes das muitas nacionalidades da Áustria apelam a uma revolta militar contra a monarquia dos Habsburgos. Pouco depois, a Itália reconhece o Conselho Nacional Checo como Governo efetivo.

12 de Abril – **Lys, França** – Os Aliados continuam a recuar no Lys e Haigh emite a sua famosa ordem de “backs to the Wall”. Diz que as suas forças estão “encostadas à parede” (o Canal da Mancha, contra o qual estão a ser empurradas) e devem fincar os pés e resistir “a qualquer custo”, sem ceder um milímetro. Os terrenos da Flandres são inundados com a abertura dos diques, tal como se fez em 1914. As reservas Francesas começam a chegar ao Lys em quantidade, acompanhadas mesmo por unidades isoladas Americanas. O ponto crítico da ofensiva dá-se entre 15 e 25 de Abril, quando os Alemães parecem prontos a conquistar Ypres, o que seria um golpe imenso na logística Aliada. A chegada dos reforços Franceses e das tropas frescas vindas da GB estabilizam pouco a pouco a frente.

21 de Abril – **Guerra Aérea** – É abatido e morre o mais famoso e ás da Grande Guerra, o “barão vermelho” Manfred von Richtofen. Foi o piloto que abateu mais inimigos em todo o conflito (80 vitórias confirmadas) e era um símbolo do poder aéreo alemão, que tinha feito razias nos anos anteriores. A sua morte foi atribuída ao capitão Canadano Roy Brown, mas tudo indica que o Barão foi vítima de fogo de unidades Australianas em terra quando voava muito baixo.

Em 1918 a Alemanha coloca em serviço o aparelho que normalmente se considera o melhor caça da guerra (o Fokker D.VII), o único modelo de avião que o Tratado de Versalhes menciona expressamente, para o proibir. Apesar disso, a Alemanha perde o domínio aéreo na Frente Ocidental, onde a mais numerosa caça Aliada (com excelentes aparelhos, como o Camel e o Spad XIII) se impõe. A sua aviação de bombardeio estratégico concentra-se agora em ataques noturnos a Paris, pouco se fazendo sentir nos céus da GB. Em contrapartida, os Aliados formam uma importante força de bombardeiros estratégicos (principalmente Britânicos) que começam a atacar os alvos industriais no Ruhr e no Ocidente da Alemanha. Os EUA têm grandes planos para a sua aviação e preparam a produção de dezenas de milhares de aparelhos desde fins de 1918, mas por enquanto dependem fundamentalmente dos Spads e dos De Havilland cedidos pela França e pela GB. A Royal Navy prepara igualmente uma novidade: os primeiros porta aviões que merecem esse nome, com um deck de voo completo.

24 de Abril – **Primeiro combate de tanques** – Em plena batalha do Lys, a Alemanha lança um pequeno ataque em Villers-Bretonneux, no Somme a Sul do Lys. Seria um mero episódio que cairia no esquecimento, se não se dá a circunstância da Alemanha empenhar nessa operação 3 dos seus tanques A7V (só fabricou 20, pelo que 3 era uma força importante). A GB tinha igualmente tanques na zona e, sem que isso fosse planeado, os ligeiros Whippet e 3 pesados Mk IV chocam com os A7V alemães. É o primeiro combate de tanques da História, que termina de forma indecisa com a retiradas de ambas as forças, mas com mais baixas do lado Aliado.

28 de Abril – **Guerra Naval** – A RN lança o “Raid de Zeebrugge”, um audacioso ataque naval ao porto de Zeebrugge, na Flandres Belga, que era uma base dos submarinos Alemães. O objetivo era bloquear o porto, mas não é completamente conseguido.

29 de Abril – **Lys, França** – Ludendorff declara oficialmente terminada a Operação Georgette, a 2ª grande ofensiva da Primavera Alemã, começada a 9. As suas forças tinham avançado de 12 a 18 km, mas os objetivos oficiais da ofensiva não foram alcançados e os Aliados, embora tivessem passado por um momento perigoso, não foram encurralados contra o Canal da Mancha, aguentando a pressão sobre Ypres por muito pouco (os Alemães são detidos a 2 km da cidade). Se os Alemães tivessem aqui empenhado as forças inicialmente previstas, o resultado poderia ter sido outro. As perdas de ambos os lados são de perto de 100 mil baixas, entre as quais cerca de 8 mil Portugueses.

A Alemanha tinha já chamado às fileiras a classe de 1919; a França dá esse passo em Maio de 1918, o que lhe permite obter mais 220 mil homens. Ambos os lados têm muita dificuldade em repor as baixas. Os EUA apressam a preparação das suas unidades em França, mas ainda só empenham forças a nível de batalhão e regimento.

MAIO

9 de Maio – **Guerra Naval** – A Royal Navy organiza um raid ao porto de Ostende (Flandres Belga), uma base de submarinos. O HMS Vindictive é intencionalmente afundado no Canal de acesso ao porto, mas este só fica parcialmente bloqueado, pelo que os submarinos costeiros alemães o continuam a usar.

14 de Maio – **Guerra no Ar** - A França cria a chamada “Divisão Aérea”, agrupando cerca de 600 aparelhos numa única unidade. A Divisão Aérea Francesa é empenhada nos pontos mais quentes da frente nos meses posteriores e será um importante elemento para retirar a superioridade aérea aos Alemães.

A França é nesta altura o maior produtor de aviões a nível mundial, tendo fabricado 24652 só em 1918. Os aviões franceses foram fornecidos a todos os Aliados, com 3330 entregues aos EUA, 2000 à GB, 1300 à Itália e 400 à Bélgica. A Aeronáutica naval Portuguesa é igualmente formada principalmente com aparelhos Franceses. A Alemanha, que deteve a supremacia aérea em 1916 e parte de 1917, perde-a claramente em 1918, apesar de possuir o melhor caça do fim do conflito. Em Novembro de 1918, por exemplo, a aeronáutica militar da França alinha 11836 aparelhos, com 8432 em unidades de combate, enquanto a Alemanha tem somente cerca de 5000 aparelhos em unidades de combate. A Alemanha perde claramente a “batalha da indústria” no campo aeronáutico em 1918.

21 de Maio – **EUA** – Os EUA imitam o passo da GB dado semanas antes e aprovam uma lei que permite o voto feminino, com limitações.

23 de Maio – **Rússia** – A Rússia, mergulhada na guerra civil, continua a perder territórios: a Geórgia declara a independência, seguida pouco depois (28 de Maio) pelo Azerbaijão.

Os novos estados invocam os “14 pontos” de Wilson para justificar a sua independência, apesar de esta ser favorecida pela Alemanha e não pelos EUA.

24 de Maio – **Leste** – O General Britânico Poole chega a Murmansk (Norte da Rússia) para preparar o desembarque de uma força expedicionária Aliada (concretizado a 23 de Junho). Depois da intervenção no Extremo Oriente os Aliados apoiam os “brancos” também no Norte, o que leva à formação de um governo da “Rússia do Norte”. Franceses e Americanos desembarcam igualmente tropas em Murmansk e Arkangel.

26 de Maio – **Ásia Russa** – A Legião Checa, uma força de desertores que se tinha juntado à Rússia para combater os poderes centrais, com cerca de 100 mil homens, toma conta de ampla região na Ásia Central e no Extremo Oriente. O seu objetivo oficial é regressar à Europa, mas entretanto promove a criação de mais um poder autónomo na antiga Rússia e combate o Exército Vermelho. A confusão da guerra civil na Rússia aumenta ainda mais, com múltiplos agentes com intervenções cruzadas e não coordenadas.

27 de Maio – **França** - A Alemanha lança a 3ª das grandes ofensivas da Primavera na zona difícil do Chemin des Dames, no sector Francês – Operação Blucher-Yorck, que envolve 28 divisões na primeira fase. Ludendorff continua a acreditar que a GB é o inimigo a aniquilar para vencer a guerra, mas verificou que as numerosas reservas francesas são desviadas para as zonas britânicas ameaçadas. Assim sendo, decide lançar a 3ª grande ofensiva no sector Francês para fixar e desgastar as suas reservas, antes de regressar ao sector Britânico para dar o golpe final.

O plano inicial para o Chemin des Dames é que seria meramente uma ofensiva localizada, para atrair e fixar as reservas francesas.

O ataque inicial corre muito bem aos Alemães – no primeiro dia são feitos 45 mil prisioneiros e capturadas 400 peças de artilharia; até 30 de Maio os Alemães avançam 50 km, o que extraordinário. Ludendorff comete o seu erro estratégico normal e deixa-se deslumbrar pelo sucesso inicial, resolvendo empenhar aqui mais das suas reservas, num ataque em direção ao Marne e a Paris. Outras 20 divisões são desviadas para a zona.

A resposta da França é imediata: as reservas pacientemente reunidas ocorrem rapidamente, a divisão aérea recentemente formada é empenhada, as unidades blindadas são canalizadas para a defesa do Marne. As 3 primeiras divisões Americanas, recentemente declaradas operacionais, participam nos combates.

JUNHO

1 de Junho – **França** – Depois de um avanço espetacular desde 27 de Maio, os Alemães alcançam o Marne, mas a resistência Aliada endurece e a logística Alemã enfrenta graves problemas.

4 de Junho – **França** – Ludendorff termina oficialmente com a Operação Blucher-Yorck, mais um êxito tático, mas com numerosas baixas Alemãs. Os ferozes combates prolongam-se no Marne até ao dia 6. Os EUA empenham já divisões completas e as suas

2ª e a 3ª DI defendem vitoriosamente Chateau-Thierry e reconquistam as colinas que dominam a cidade. Belleau Wood é considerada normalmente a primeira vitória independente dos EUA na Frente Ocidental. As baixas Aliadas são de cerca de 260 mil homens, mas as alemãs rondam os 200 mil. Paris está a somente 70 km e é bombardeada pela chamada “Paris Gun”, uma peça imensa com um alcance superior a 100 km (a peça de maior alcance da História até 1990).

9 de Junho – **França** - Luddendorff lança a sua 4ª grande ofensiva (chamada Gneisenau), empenhando as forças do General von Hutier no Oise, num ataque em direção a Compiègne, tentando retomar o avanço na direção de Paris, paralisado desde 6 de Junho. O esforço surge no sector Francês, mas dividido em dois eixos (um no Marne e outro mais a Leste, na direção Sul). O ataque inicial obtém algum sucesso, mas os Aliados já conhecem a “receita Alemã”, pelo que as linhas resistem melhor, organizadas em profundidade.

Foch canaliza reservas Aliadas para a zona, com 5 divisões a chegarem de imediato, apoiadas por 4 grupos de carros, com 160 blindados (muito mais que os Alemães tinham).

11 a 28 de Junho – **França** – Os Franceses atacam com sucesso o flanco do avanço Alemão na ofensiva Gneisenau. Ludendorff empenha o 7ª Exército nas operações e a luta é muito intensa entre 11 a 28 de Junho, com a participação de divisões Americanas. No final, o avanço Alemão é pequeno e as baixas superiores a 150 mil homens (de ambos os lados).

Ludendorff sente que a resistência Aliada aumenta e sabe que sofreu perdas imensas, mas é obrigado a insistir na ofensiva, como única forma de decidir a guerra. Foch acredita que o novo ataque Alemão será na direção de Paris e prepara-se para resistir, mas pensa já no contra-ataque. Haig recuperou forças quando a pressão Alemã passou para o sector Francês e prepara-se igualmente para passar ao ataque.

JULHO

10 de Julho – **Rússia** – O Congresso dos Sovietes aprova a nova Constituição. São os Sovietes que elegem os “Comissários do Povo”, que passam a ser o novo Governo da Rússia. O Partido Comunista domina os soviets e elimina rapidamente os restantes partidos, aliados da véspera, através de sangrentas purgas. A guerra civil é mais sangrenta do que nunca.

15 de Julho – **Marne, França** – A Alemanha lança a sua 5ª e última ofensiva da Primavera ao longo do Rio Marne, o que dá início à 2ª Batalha do Marne. A Alemanha conta com o 9ª Exército recém-chegado da Roménia e lança 39 divisões com o objetivo de conquistar Reims e abrir o caminho de Paris.

O ataque é esperado pelos Aliados, que reforçam a zona desde começos de Julho. Os Franceses conhecem as táticas alemãs e preparam uma defesa em profundidade, com acumulação de carros na retaguarda para o contra-ataque e uma imensa concentração de artilharia e aviação (o domínio do ar é claramente Aliado). A 15 de Julho as divisões Francesas resistem a pé firme cedendo pouco terreno, apoiadas já por 6 divisões

Americanas e reforçadas por divisões Britânicas desviadas por Haigh. Centenas de carros Aliados e uma esmagadora concentração da aviação tornam o ataque Alemão muito difícil.

16 de Julho – **Rússia** - O Czar Nicolau II, a mulher e 5 filhos são assassinados pelos bolchevistas de quem eram prisioneiros. A guerra civil russa é marcada por inúmeros massacres de ambos os lados, mas particularmente pelo recém-criado Exército Vermelho, que faz razias nos territórios que ocupa.

16 de Julho – **França** - É evidente que a ofensiva alemã no Marne, lançada escassas 24h antes, falhou. Ludendorff ordena o fim do ataque; ainda pensa em renovar o esforço na Flandres, mas vai passar o sofrer o contra-ataque Aliado. Os Alemães perderam o período em que tiveram uma vantagem numérica sem conseguir uma vitória decisiva e são incapazes de substituir as baixas. As unidades alemãs estão desmoralizadas e sentem que não podem vencer a guerra. O que é pior, a Alemanha desguarneceu quase por completo a Itália, os Balcãs e o Médio Oriente para obter a vitória em França e agora vai pagar um preço muito caro por isso.

18 de Julho – **França** - Começa o contra-ataque Aliado, com o primeiro murro lançado por Franceses e Americanos em Chateau-Thierry, numa ampla frente com 19 divisões Francesas, 6 americanos e 2 Britânicas. Duas importantes novidades: um ataque em ampla frente apoiado por blindados; ataque de surpresa sem qualquer preparação da artilharia, que só abre fogo depois. O sucesso é imediato, com um avanço de 10 km em dois dias. O FT-17 revela-se como um carro ideal para apoiar a infantaria, com as suas pequenas dimensões e uma fiabilidade mecânica superior ao normal. A 20 de Julho os Alemães abandonam a cabeça de ponte a Sul do Marne, a partir da qual podiam ameaçar Paris. A 21 de Julho os Americanos entram em Chateau-Thierry. Ludendorff desiste de imediato de todos os projetos de ofensivas futuras e desvia as reservas para resistir ao ataque Aliado. Só no mês de Julho entram em operações 7 novas divisões Americanas, com outras tantas em Agosto. A Alemanha, em contrapartida, não é capaz de substituir as baixas. A 2ª Batalha do Marne, que se prolonga até começos de Agosto, é uma imensa vitória Aliada, que permite ao General Foch obter o bastão de Marechal e o consagra como o comandante militar de uma força de mais de 200 divisões Aliadas concentradas em França.

26 de Julho – **Guerra Aérea** – Depois de von Richtoffen desaparece outra lenda da guerra aérea: o Britânico Edward Mannock que, com 73 vitórias, era o maior ás dos Aliados. Foi abatido por fogo AA Alemão.

AGOSTO

8 de Agosto – **França** – O dia que Ludendorff classificou como “o mais negro do Exército Alemão”. Começa a grande ofensiva Britânica em Amiens. Haig aproveitou as ofensivas Alemãs no sector Francês desde Maio para recuperar forças e prepara o ataque em Amiens desde há um mês, o que não o impediu de enviar algumas divisões Britânicas para reforçar a defesa Francesa. Começa o que os historiadores Britânicos chamam “os

últimos cem dias”, com um avanço geral Aliado numa ampla frente. Os historiadores Franceses dizem, com alguma razão, que a ofensiva final Aliada começou no Marne, em meados de Julho, e não em Amiens, a 8 de Agosto. O ataque em Amiens é lançado pelo 3º e 4º Exércitos Britânicos, apoiados à direita pelo 1º Exército Francês. Os Alemães cedem e recuam numa ampla frente, sendo evidente que a sua moral desceu muito. Agora muitas unidades alemãs recuam e rendem-se, sem combater com o seu antigo animo.

Os Aliados empenham uma força de carros importante, com 360 Mk V (o mais moderno modelo dos carros médios), 96 Whippet (um carro ligeiro), 96 Renault FT-17 (carro ligeiro francês) e 12 autometralhadoras Austin.

12 de Agosto – **França** - Com o recuo geral dos Alemães em Amiens, Foch ordena um alargamento da frente da ofensiva, com dois exércitos Franceses à direita a passarem ao ataque. A partir do dia 20 de Agosto os Aliados lançam na realidade um ataque geral numa frente de mais de 200 km, de St Mihiel (a Leste de Verdun) à Flandres, obtendo sucesso em toda a parte.

14 de Agosto – **França** - Ludendorff está chocado pelo recuo do Exército Alemão, não tanto pelos cerca de 30 km cedidos em poucos dias, mas mais pela desmoralização das unidades, que já não lutam como no passado. O chefe militar Alemão informa o seu Governo que *“não há qualquer possibilidade de vencer militarmente os Aliados”* e aconselha que se procure uma paz de compromisso.

SETEMBRO

1 de Setembro – **Rússia** – Forças dos EUA desembarcam em Vladivostok no Extremo Oriente da Rússia para apoiar os russos brancos na guerra civil. A preocupação americana é também a de evitar um maior empenhamento do Japão (um seu Aliado) na guerra civil na Rússia. Os Aliados já pensam sobretudo, não tanto na derrota do inimigo, mas sim na sua situação particular no mundo futuro.

3 e 4 de Setembro – **França** - Os Aliados continuam o avanço em ampla frente e ocupam o terreno perdido no Lys em Abril, a antiga zona do CEP. Os Alemães recuam para a chamada Linha Hindenburg, a sua última defesa onde pensam resistir.

12 de Setembro – **França** - Os EUA organizam o seu maior ataque autónomo da guerra no saliente de Saint-Mihiel, a Leste de Verdun. Participam 3 corpos de exército Americanos, apoiados por um Francês, com 260 mil homens, apoiados por 3000 peças, 270 carros e 1500 aviões. Os Alemães recuam desordenadamente e cedem mais de 15 mil prisioneiros, para 7 mil baixas Aliadas. Os Americanos conseguiram finalmente a “sua” grande vitória, de forma independente e com um apoio mínimo da França, o que será transformado numa imensa campanha de opinião pública pelo Governo de Washington.

15 de Setembro – **Grécia** – Os Aliados tinham em Salónica uma força de cerca de 29 divisões em meados de 1918, contidos na Grécia do Sul. Neste dia atacam em força na

junção entre Búlgaros e Alemães e iniciam um rápido avanço para Norte, enquanto as populações da Sérvia, Bósnia e Montenegro se amotinam contra a ocupação da Áustria-Hungria. A resistência Búlgara esboroa-se.

15 de Setembro – **Médio Oriente** – Os Britânicos atacam a partir de Jerusalém, quebrando a defesa turca na batalha de Megido. Os Britânicos avançam rapidamente para Norte numa corrida contra as forças árabes que os apoiam, tentando ser os primeiros a ocupar as cidades da Síria, o que conseguem. As forças do levantamento árabe estão muito divididas e o seu projeto de proclamar a reconstituição do Califado numa grande cidade ocupada por eles falha. Também aqui a preocupação Britânica não é já a de vencer o inimigo oficial, mas sim a de obter vantagens para o futuro. A guerra de repente passou a ser secundária e o seu prolongamento até pode interessar, caso se traduza em vantagens futuras.

20 a 30 de Setembro – **Balcãs** – No seguimento do ataque Aliado a partir da Grécia, várias divisões Búlgaras amotinam-se, abandonam os combates e marcham sobre Sofia, onde depõem o Governo. A Bulgária será o primeiro dos Poderes Centrais a assinar um armistício com os Aliados a 30 de Setembro. A saída da Bulgária deixa a frente Sul indefensável e o avanço Aliado continua com uma resistência muito reduzida. A Bulgária desmobiliza, entrega o principal armamento aos Aliados e permite que estes passem pelo seu território.

26 de Setembro – **França** - Uma grande ofensiva Franco-Americana é lançada por 2 Exércitos (um Francês e um Americano de Verdun a Reims, com o objetivo de ultrapassar a Linha Hindenburgo. Desta vez as coisas não correm tão bem como esperado. A resistência Alemã é forte e as forças Americanas marcam passo, com baixas importantes. Foch desvia reservas para ajudar os Americanos, o que lhes permite retomar o avanço. A Linha Hidenburgo é alcançada nesta zona a 12 de Outubro.

Setembro – **Guerra Aérea** – A guerra aérea continua intensa até ao final. A supremacia Aliada é evidente, mas o mês ficaria conhecido como “Setembro negro”, quando são abatidos 560 aviões Aliados.

OUTUBRO

4 de Outubro – **Alemanha** – Depois de Ludendorff ter dito que não era possível a vitória militar, o Governo Alemão demite-se, formando-se um outro chefiado pelo Príncipe Max de Baden, que vai tentar negociar uma paz. O novo executivo apela ao Presidente Wilson e diz-se disposto a aceitar os “14 pontos”.

5 de Outubro – **Balcãs** – As forças militares Sérvias regressam ao seu território integradas na ofensiva Aliada. A 1 de Novembro libertam Belgrado e continuam o avanço para Norte. A Sérvia pressiona os Aliados para ser o centro de uma ampla federação dos Balcãs.

12 de Outubro – **França** - Franceses e Americanos alcançam a Linha Hindenburg entre Verdun e Reims, depois de uma ofensiva de três semanas que começou a 26 de Setembro. Foch autoriza todos os Exércitos a passarem à ofensiva na Frente Ocidental.

14 de Outubro – **França** - Foch autoriza igualmente que as forças Francesas na Lorena passem ao ataque. Era a zona mais a Sul da Frente Ocidental, relativamente calma desde 1914. Curiosamente, só aqui os Alemães recuam para o que era o seu território antes de Agosto de 1914, embora se trate de pequenos enclaves, sem significado estratégico. Em termos morais, porém, estes enclaves representam o único território Alemão ocupado pelos Aliados quando a guerra terminou, a 11 de Novembro.

16 a 18 de Outubro – **Áustria-Hungria** – O Kaiser Karl proclama a reorganização da Áustria-Hungria como um poder federal com ampla autonomia das suas nacionalidades. Teria sido uma excelente medida anos antes, mas agora era demasiado pouco demasiado tarde. O Conselho Nacional Checo exige a “completa independência”. No mesmo dia, o Conselho Esloveno reclama um estado Esloveno independente no Sul. A Hungria declara a independência. Divisões inteiras de Húngaros na Frente da Itália amotinam-se e recusam-se a combater. A 28 de Outubro a Checoslováquia declara unilateralmente a independência, seguida pouco depois por Fiume (no Adriático).

A Itália prepara de imediato uma grande ofensiva, com o objetivo principal de alcançar rapidamente a zona da antiga fronteira com a Áustria-Hungria, pois pretende ficar com Fiume e com grande parte da costa Adriática depois da guerra. Os Aliados já pensam sobretudo na situação depois da guerra e todos receiam a intervenção americana e o imprevisível Presidente Wilson.

Outubro – **Médio Oriente** – A França desembarca com sucesso em Beirute e Alexandreta para apoiar o avanço pelo interior das forças Britânicas e Árabes. Na Turquia o novo Sultão (Mohamed VI) demite o Governo e forma um novo executivo que, também ele, apela para o Presidente Wilson para assinar um armistício. É de sublinhar que tanto a Alemanha, como a Áustria, a Bulgária, a Turquia ou os novos estados emergentes apelam, não para os Aliados como um todo, mas sim para o Presidente Wilson. Os EUA são já o centro da política mundial.

24 de Outubro – **Itália** – Começa a ofensiva italiana em Vittorio Veneto, aproveitando o efetivo colapso da resistência inimiga. A defesa no Piave cede e são feitos centenas de milhares de prisioneiros, pois divisões inteiras depõem as armas. Para a Itália é um balão de oxigénio na moral abalada pela grande derrota de fins de 1917. O objetivo central de Roma é o de chegar rapidamente à costa do Adriático que pretende anexar, contrariando as novas independências entretanto proclamadas.

27 de Outubro – **França** – Lançado um ataque Aliado contra a Linha Hindenburg em vários pontos. É a última defesa antes da Alemanha. O 1º e 3º Exércitos Britânicos encabeçam a ofensiva na zona a Sul da Flandres, apoiados pelo 1º Exército Francês e pelo Exército Belga. Nos dias seguintes a linha Hindenburg cede em múltiplos pontos. O Exército Alemão recua sem esperança de manter uma defesa firme, mas ainda não foi empurrado para o território Alemão de antes da guerra.

28 de Outubro – **Alemanha** – Depois de sublevações contra a guerra em várias cidades alemãs, dá-se a primeira revolta dos marinheiros da esquadra no couraçado Markgraf. A revolta é reprimida, mas, a 4 de Novembro, outra de maior envergadura toma conta dos principais navios em quase todos os portos. Milhares de desertores do Exército juntam-se aos marinheiros e aos grevistas. A revolução toma conta do Norte da Alemanha.

30 de Outubro – **Turquia** – A Turquia, com uma parte do Exército amotinado, rende-se aos Aliados, que continuam a avançar a partir da Palestina e do Iraque.

31 de Outubro – **Hungria** – A revolta na Hungria assume foros de revolução com inspiração bolchevista. O 1º Ministro Tisza é assassinado por unidades militares revoltadas e um Conselho Nacional Húngaro toma o poder e pede o apoio dos Aliados para derrotar os “vermelhos”. Os restos dos antigos Poderes Centrais têm já como preocupação principal a derrota da revolução; os inimigos de ontem, passam a ser o grande apoio contra os “vermelhos”.

NOVEMBRO

Começos de Novembro – **Geral** - O Exército Alemão recua numa ampla frente de mais de 300 km de extensão, tendo Bruxelas e a fronteira Alemã nas costas. A situação militar Alemã é desesperada na Frente Ocidental: 180 divisões desmoralizada e muito desfalcadas com milhares de deserções, recuam perante o ataque de 211 divisões Aliadas moralizadas. Os Alemães têm um punhado de carros contra os 2500 dos Aliados e perderam por completo o domínio do ar. O avanço Aliado desde Julho é de centenas de quilómetros, mas o preço foi caro, com cerca de 900 mil baixas para os Aliados, contra (possivelmente) 800 mil para os Alemães. A 11 de Novembro, o Exército Alemão ainda está em território Aliado, exceto em pequenos enclaves na Lorena sem grande significado, mas cede terreno, está profundamente desmoralizado e é incapaz de resistir à crescente pressão inimiga. Os meses finais da guerra foram sangrentos na Frente Ocidental, mas o domínio militar dos Aliados é evidente, com uma vantagem esmagadora em carros e em aviões, uma logística bem montada, uma força terrestre a crescer. Os Aliados estão a colher os frutos da sua organização superior para uma guerra total e do domínio dos mares e da economia mundial. A sua força cresce sempre e seria esmagadora em 1919, se a guerra se tivesse prolongado até lá. De qualquer modo, o que se passa na frente de combate já pouco interessa, porque a preocupação central dos Poderes Centrais é a revolução dentro de fronteiras.

1 a 15 de Novembro – **Polónia** – O Governo Polaco, que se formou fomentado pela Alemanha, declara guerra à Ucrânia e anexa a Galícia. Aparentemente nenhum dos estados emergentes se preocupa muito com a guerra que formalmente ainda não terminou, mas usa os seus recursos escassos para obter vantagens no futuro tratado de paz, combatendo os seus rivais, que são os outros estados emergentes. A República Polaca é proclamada em Varsóvia (3 de Novembro), governada pelo general Pilsudski, um nacionalista convicto libertado das prisões alemãs.

3 de Novembro – **Áustria-Hungria** – Minada por revoltas das suas muitas nacionalidades e com grande parte do Exército amotinado, a Áustria-Hungria assina um armistício com os Aliados. A Alemanha fica formalmente sozinha na guerra e o colapso dos Aliados a Sul é o sinal para o desencadear da revolução na Alemanha. Nas últimas semanas dezenas de milhares de militares Alemães desertam e afluem às cidades, onde se organizam contra o Governo do Kaiser.

3 a 9 de Novembro – **Alemanha** – Os marinheiros revoltados tomam conta de várias cidades no Norte da Alemanha e, unindo as suas forças com desertores e grevistas, criam sovietes que assumem o controlo nalguns pontos – a situação é caótica e muito confusa, mudando de bairro para bairro. A 7 de Novembro cria-se um “Governo Revolucionário” na Baviera, com a capital em Munique, que proclama um “Estado Livre” de inspiração Bolchevique. Uma greve geral em Berlim paralisa a capital a 9 de Novembro, quando se registam revoltas não controladas em Colónia, Hanover, Magdeburgo, Weimar e noutras cidades.

8 a 10 de Novembro – **Roménia** – A Roménia tinha assinado uma paz com a Alemanha e era um poder neutro. A 8 de Novembro um novo Governo substitui o anterior e declara guerra à Alemanha (pela segunda vez). Era um movimento político que visava sobretudo reforçar a posição da Roménia junto dos Aliados, fazendo-os esquecer a paz de compromisso que tiveram de assinar meses antes.

9 de Novembro – **Alemanha** – Neste dia, com mais de dez cidades alemãs em revolta aberta, quase todas ocupadas por militares desertores a exigir o fim imediato da guerra, é anunciada em Berlim a abdicação do Kaiser. Este não concordou, mas, temendo pela vida, acaba por procurar o exílio na Holanda. O socialista Scheidemann proclama a República na Alemanha e torna-se chanceler. Hindenburgo, como cabeça oficial dos militares, tem os seus poderes muito limitados e, perante o avanço da revolução, pede aos Aliados um armistício imediato. A preocupação central das chefias militares passa ser a de derrotar a revolução na Alemanha. Nisto têm o apoio dos Aliados, que temem a propagação das revoluções de inspiração soviética na antiga Áustria-Hungria e na Alemanha.

10 de Novembro – **Médio Oriente** – Uma força de Indianos e Britânicos ocupa Mossul, a Norte do Iraque. Os Britânicos tinham avançado no Médio Oriente a partir de Jerusalém e no eixo do Tigre e do Eufrates (Iraque), tendo nesta altura alcançado e ultrapassado mesmo a fronteira da atual Turquia. Forças Francesas tinham desembarcado na costa do atual Líbano e avançado para Norte. A França e a GB tinham um acordo para dividir o Médio Oriente depois da guerra (também assinado pela Rússia antes da revolução bolchevista), mas a situação em 1918 era particularmente complexa. A revolta árabe tinha crescido e criado uma série de centros de poder que reclamam uma independência formal, tal como a GB tinha prometido. Os EUA de Wilson pressionam, invocando os “14 pontos”, para impedir o que consideravam ser mais um acordo dos impérios europeus. Muitas nacionalidades na zona reclamam uma independência formal (como os Kurdos). Os judeus estavam, desde 1917, a afluir à Palestina, onde contavam com a boa vontade dos Britânicos para se instalarem

(declaração Balfour de 1917, que prometeu uma “pátria judaica”). Forças Britânicas avançam no Cáucaso e ocupam a Geórgia.

A diplomacia Britânica está no seu melhor no Médio Oriente, prometendo coisas contraditórias aos vários agentes e dividindo para reinar, com grande arte.

10 de Novembro – **Alemanha** – Forma-se um Governo Social-Democrata na Alemanha, com o seu poder contestado em Berlim pela liga Spartakista, de inspiração Bolchevista. A Alemanha, de onde o Kaiser fugiu há dois escassos dias, está ingovernável, com múltiplos poderes paralelos todos eles com cores de esquerda ou esquerda radical. Só o regresso das unidades que ainda obedecem ao comando pode esmagar a revolução que se desenha e é nisso que os Aliados e o novo poder Alemão apostam. Nestas condições, a Alemanha aceita quaisquer condições para fazer o seu Exército regressar à Pátria ameaçada pelo inimigo interno e os Aliados também querem uma paz imediata.

11 de Novembro – **Armistício** – A Alemanha assina um armistício com os Aliados em Compiègne, declarando o cessar fogo a partir das 11h00. Termina a guerra com uma Alemanha em guerra civil, onde a esquerda radical tomou o poder na Baviera (que proclamou a independência), no Norte e (parcialmente) em Berlim. Os Aliados favorecem o rápido regresso das unidades operacionais na Frente Ocidental à Alemanha para combaterem a revolução, pelo que não insistem no seu desarmamento ou dissolução, embora lhes retirem a aviação e as armas pesadas.

12 de Novembro – **Áustria-Hungria** – O antigo Império de Viena já tinha terminado, com quase todos os seus territórios a proclamarem a independência e com muitos dominados por revoluções de inspiração soviética. Neste dia, o processo chega à sua conclusão lógica, com a abdicação do Imperador Karl e a proclamação da República na Áustria. A 13 de Novembro, a Hungria (que tinha declarado a independência) assina um armistício com os Aliados, transformando-se numa “República Popular” desde 16 de Novembro.

14 de Novembro – **Alemanha** – A esquadra Alemã de alto mar rende-se à Royal Navy e os seus principais navios são encaminhados para Scapa Flow (na Escócia), o que é uma maneira de afastar muitos marinheiros das cidades Alemãs.

24 de Novembro – **Jugoslávia** – Cria-se o “Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos”, ainda de fronteiras indefinidas. Os Aliados favorecem uma solução que passa pela grande expansão da Sérvia, que engole as nacionalidades vizinhas, o que contrária os “14 pontos” de Wilson e os objetivos da Itália. Era uma maneira de impedir o alastramento da revolução à esta zona dos Balcãs.

Novembro – **A guerra no Mar** – Os Aliados mantêm no final da guerra um claro domínio dos Oceanos, mas as suas perdas foram imensas. A GB viu serem afundadas 7,8 milhões de toneladas de navios mercantes (mais de um terço do total antes da guerra), bastante mais que os 0,4 milhões dos EUA ou os 0,9 milhões da França. São perdas gigantescas, das quais 6,6 milhões de toneladas foram afundadas pelos submarinos (contra 0,6

milhões por minas – muitas colocadas por submarinos – e somente 0,4 milhões por navios de superfície).

Ao contrário do que normalmente se pensa, foi neste campo que a aposta estratégica da Alemanha rendeu mais, a pontos de colocar em causa a continuação do esforço de guerra Aliado nos primeiros meses de 1917. A Alemanha investiu na força submarina ao longo da guerra um mínimo dos seus recursos. A força submarina não tinha mais de cerca de 20 mil militares, o que corresponde a menos de 2 divisões da Frente Ocidental. Metade da força submarina alemã foi afundada durante a guerra, mas os Aliados precisaram de investir recursos cerca de 100 vezes superiores para aguentarem a pressão. Em termos estratégicos isto representou um dos poucos campos, se não o único, onde o esforço Alemão foi amplamente compensado. Os Aliados perderam um terço da sua marinha mercante de antes da guerra, estiveram a pontos de ser estrangulados e investiram 10 vezes mais recursos que os Alemães para conter a ameaça submarina.

Em contrapartida a esquadra de superfície Alemã, com muitos mais recursos que a arma submarina, pouco conseguiu. O melhor que se pode dizer dela é que evitou ser esmagada pela Royal Navy, passando quase toda a guerra nos portos. A revolta Alemã de 1918 implicou quase toda a esquadra de superfície, enquanto a força submarina se manteve coesa até ao final. A “teoria do risco” de Tirpitz não se confirmou.

DEZEMBRO

1 de Dezembro – **Roménia** – Tropas romenas invadem a Transilvânia, formalmente um território da Hungria, e proclamam a sua anexação. Perante a passividade dos Aliados, a Roménia aproveita a grande confusão do final da guerra para obter a Transilvânia, que era um dos seus “objetivos de guerra”.

1 de Dezembro – **Alemanha** – As tropas Aliadas entram na Alemanha que ocupam até ao Reno, enquanto favorecem a formação de uma força militar Alemã para combater a revolução de inspiração soviética. Em cerca de um ano o chamado Freikorps vai esmagar a revolução Alemã.

4 de Dezembro – **EUA** – O Presidente Wilson parte para a Conferência de Paz em Versalhes. É o primeiro presidente dos EUA que se desloca à Europa em funções, o que bem mostra que a república americana pouco entendia da Europa. A Conferência de Versalhes é o primeiro grande encontro a nível internacional dominado pelos EUA. Wilson é a estrela da Conferência de Paz e baseia a sua ação nos famosos “14 pontos”, com a preocupação central de enfraquecer os impérios europeus (tanto os que perderam a guerra como os que a venceram). O Presidente Wilson, no entanto, chega à Europa enfraquecido, pois nas eleições de 5 de Novembro o Partido Democrático perdeu a maioria nas câmaras. A política de Wilson vence a guerra internacional, mas é derrotada nas eleições nos EUA.

-*-

A guerra termina numa tremenda confusão, com os grandes impérios desfeitos, uma miríade de novos estados instáveis (muitos deles em guerra civil e revolução), valores difusos e imprecisos que são aplicados de forma muito diferente de região para região e, mais importante do que tudo o resto, a falta de uma hegemonia clara. Os movimentos

nacionalistas estão ao rubro na Índia e na China e os movimentos anti-coloniais nascem como cogumelos depois das chuvas em toda a África. A situação só piora quando os EUA, a maior economia mundial, são obrigados pelo voto do Congresso a não entrar na Sociedade das Nações, o que os leva a desinteressar-se da Europa, África e Médio Oriente nos próximos vinte anos. Quase todos os estados europeus (a grande exceção é a GB) conhecem uma imensa instabilidade, com um forte crescimento de uma esquerda radical, revoluções em curso, guerra civil e tumultos generalizados; a direita contra revolucionária vai crescer muito nos anos subsequentes, como uma resposta a esta inesperada evolução. Está aberto o caminho para a 2ª Guerra Mundial.